



CRISTÃO



VESPASIA ANTONIO

por Mauricio A. Brandão



ANSELMO CAIUS

por Roberto Caetano

✦ PREFÁCIO E TRECHOS ✦

O PRIMEIRO SÉCULO DO CRISTIANISMO
CONTADO A PARTIR DAS MEMÓRIAS DE ANTONIO
E DA SUA CONVIVÊNCIA COM PAULO E CIBELE



Lachâtre

Sumário

Prefácio, 7

Introdução, 9

Da construção do livro, 11

Primeira parte, 13

Refúgio, 15

Confessar quem fora eu, 17

Flavio, 20

A volta de um soldado, 27

Com Caius no exército, 29

De volta a Roma, 33

Casei-me, 38

Retomando a vida, 44

Segunda parte, 47

Judeus-cristãos, 49

Laços que se foram e novos laços, 65

Um novo amigo e um amigo que se foi, 83

Diálogos com Paulo, 97

E Roma ficou para trás, 137

Terceira parte, 145

Um novo começar: “A Casa de Antonio”, 147

Outro eu: a construção de uma nova vida, 157

Villagio fratello Gesù (Vilarejo dos Irmãos em Jesus), 171

Eu sou cristão, 209

Prefácio

Diz-se comumente que o passado é passado e não pode ser modificado. Todavia, pode-se e deve-se alterar pensamentos em relação ao passado, visando-se a um presente melhor e a um futuro radioso. Essa a razão pela qual, às vezes e quase sempre, faz-se necessária uma vista ao passado, a fim de que possamos alterar, o quanto possível, o que sentimos e pensamos e a fim de não termos de retroceder e parar no tempo, sempre que certos instintos e tendências nos visitem.

Toda vivência interior do espírito acontece porque o momento dela vir à tona é justamente aquele em que ela ocorre; do contrário, o espírito não teria consciência dela, logo não ocorreria a contento. Nem sempre, aliás, como ocorre em outras situações, é preciso recorrer-se ao processo de regressão a vivências anteriores na busca de nítidas recordações. O espírito do homem vive em constante regressão natural, controlada por Força Superior; a rigor, a maioria dos seres vive aprisionada no palco das lutas que criou para si mesma ou gozando de benefícios de escassas virtudes que já conseguiu cultivar em si mesma.

Nasce assim o presente trabalho, fruto de recordações de estimado amigo que, em um movimento de rara introspecção na vida geral de um espírito, trouxe-nos lembranças de uma das suas várias existências através do tempo e espaço, reencarnação essa que se dá nos primeiros passos do cristianismo nascente.

Vemos, na presente narrativa, velhos valores a caírem por terra, dando lugar à mensagem gloriosa do Cristo. Esfor-

ços verdadeiramente heroicos de almas valorosas no trabalho de elevação de seus próprios sentimentos, conjugando os valores do Cristo na superação de si mesmas.

Ao mesmo tempo, temos a luta de Antonio e sua dificuldade em deixar vir o homem novo, em se despedindo do homem velho, e por fim Cibele, espírito altamente iluminado, que mais de uma vez, já mesmo àquela época, esteve e vem colaborando através de eras com a mensagem do Cristo de Deus, ora em sucessivas reencarnações, ora no espaço, onde se cerca de espíritos de moral elevada, a fim de difundir a Luz, a Verdade e a Vida.

*

Cabe-nos acrescentar, àqueles que por ventura nos honrarem com a sua atenção a estas páginas, que nem sempre conhecer fundamentos filosóficos significa conscientização de si mesmo.

Se já tens noções superiores acerca da Vida, compete-te construir o caminho pessoal de espiritualização.

Decerto, a ninguém será pedido mais do que aquilo com o que possa contribuir; todavia não nos acomodemos com tal pensamento, pois por descuido muitos evoluem em profundo desconforto de consciência.

A angústia da melhora é impulso para nossa promoção. O remédio eficaz é a irrestrita aceitação de nós mesmos. Aceitemo-nos humildemente como somos e façamos o melhor possível para que nos tornemos aquilo que gostaríamos de ser.

Afeiçoemo-nos com devotamento ao trabalho que nos chega nas fileiras do bem, aprimorando-nos em regime de fé, coragem e paciência. O tempo concederá valor aos nossos esforços, ajustando nossos propósitos nos limites de nossas reais possibilidades.

*

Caminhemos um após o outro, confiantes na vitória final e na certeza de que o Cristo de Deus está esperando por nós.

“Irmãos, quanto a mim, não julgo que haja alcançado a perfeição, mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, avanço para as que se encontram diante de mim”.
Paulo (Filipenses, cap. 3, vers. 13-14)

Caius
(Psicografado pelo médium Roberto Caetano, em 21 de junho de 2006)

Introdução

Há alguns anos, pediram para que eu me preparasse para narrar em livro uma parte das minhas experiências nas vidas anteriores. Nem sempre dramas em que fui personagem, muito menos de destaque, mas histórias que vivenciei como testemunha, participante encarnada ou desencarnada; sim, como sabem, os desencarnados também participam e interagem com os encarnados, pois as vidas se entrelaçam.

No momento em que olhei para o passado, logo ficou claro por onde eu deveria começar. Fui contemporânea de Paulo em Roma; minha vida tomou outro rumo depois do cristianismo. São quase vinte séculos, dois mil anos, um marco, uma ocasião a relembrar e a pedir reflexão.

Ganhou mais ênfase minha ideia de voltar ao século I quando fiz ligeira retrospectiva das minhas relações pessoais mais próximas, o que poderíamos chamar de família espiritual. Não foi surpresa descobrir que os fios que teceram a teia em que se abriga essa família começaram a ser costurados nesse período.

Não entro aqui no mérito da discussão dos inúmeros erros e tropeços; todos somos espíritos em evolução, ainda carentes de muito aprender, de muito necessitar vibrar amor, estender perdão.

Dessa perspectiva, olhei ao redor e vi alguns amigos daquele período encarnados. Indaguei-me de que viés deveria contar esta história que me embala a lembrança

há tempos. A resposta que eu procurava surgiu quando lembrei do caminho que me levou ao cristianismo: a figura daquele que foi meu filho surgiu de pronto nos meus pensamentos.

Recordei-me de ocasião em que, de uma longa e relaxada conversa, refizemos nossos primeiros passos cristãos. Após consultar-me com a sabedoria de nossos amigos, eu o procurei e juntos voltamos ao século I, para a Roma de Nero.

A ideia não era escrever uma biografia detalhada ou recriar, com ânsias de minúcias, o ambiente do período. Procuramos, neste texto, escrever uma memória emocional, a história de vários homens através da história da conversão de um deles. As dúvidas e angústias que passam por todos nós até os dias de hoje, ainda vítimas que somos de nossos sentimentos contraditórios, transparecem na incerteza e na atração dúbia que Antonio, então meu filho, sentiu.

O que enriquece o fundo da história desse homem é a contemporaneidade com o cristianismo nascente, a convivência com o Apóstolo Paulo e com Cibele, espírito angelical que ficou desconhecido na história da Igreja Cristã, conforme moldada pelos homens.

Foi esse o ponto escolhido para que reconstruíssemos nossas vidas no primeiro século cristão: narraria nossos contatos iniciais com o cristianismo com base nas memórias de meu filho.

Da construção do livro

Como o livro seria construído e transmitido ao médium indicado? Indagávamo-nos sobre tal questão até que Antonio se lembrou de que, naquela encarnação, quando mais velho, costumava refletir sobre a sua juventude e seu tempo em Roma. Ora, concluímos, podíamos iniciar o livro da mesma forma: as memórias seriam remontadas em torno da própria reflexão que ele fizera.

Escolhido esse caminho, decidimos que o texto seria escrito em primeira pessoa, como a descrever Antonio a recordar e a vivenciar seu passado. Nesse sentido, deverão perceber que, no começo de alguns capítulos da primeira e da segunda partes, apresentamos Antonio a recordar a partir de uma situação que será descrita na terceira parte do livro.

Poderíamos ter abdicado de relatar esse procedimento neste singelo preâmbulo, no entanto consideramos de bom grado esclarecer tal opção de nossa parte.

Ainda nos cabe esclarecer que decidimos utilizar uma linguagem a mais próxima possível da atualidade. Afinal, ponderamos, tanto os desencarnados quanto os leitores vivem no terceiro milênio, tanto nós a escrever quanto o médium; a leitura e a escrita será facilitada ao adotarmos a linguagem atual.

No mesmo sentido, afirmamos novamente que não pretendemos escrever um livro de história. Nossa intenção foi recriar uma memória emocional, a história de uma

conversão ao cristianismo, permeada pelo fundo magnífico das presenças de Paulo e Cibebe.

Sobre a citação de trechos do *Evangelho*, esclarecemos que suas referências fazem parte de versões atuais, editadas no século XX. Quanto ao período que vivenciamos, o cristianismo nascente conviveu com várias versões do que viria a ser montado como o Novo Testamento. Paulo, Cibebe e os que os acompanhavam tiveram em mãos rolos de pergaminho com trechos de pessoas que conviveram com Jesus e do que viria a ser o *Evangelho*, o qual foi intensamente copiado. Os textos que circulavam em forma de pergaminho – os quais formariam os Evangelhos de Mateus, de Lucas e de Marcos –, apresentavam diferenças com o que foi consolidado, principalmente de organização e edição, e foram a base do que foi utilizado para as citações.

*

Ao finalizar, devemos agradecer ao imenso trabalho que Anselmo, espírito amigo, teve para organizar e tornar possível este texto. Da mesma forma, agradeço ao fundamental trabalho conjunto realizado pelo médium amigo que muito nos auxiliou, Roberto Caetano, o qual colaborou principalmente ao transmitir as pregações de Paulo.

Vespasia

(Psicografado pelo médium Mauricio A. Brandão)

Um novo amigo e um amigo que se foi

Nas últimas semanas do ano de 61, embora sozinho, sentia-me ligeiramente mais leve, até consegui voltar a sorrir, o que não fazia há algum tempo; entretanto, não poderia negar que a sombra das duas continuava a existir dentro de mim.

Por outro lado, a lembrança da figura de Paulo não me saía da cabeça. Pensava naquele homem em todos os momentos. Podia estar no quartel, nas ruas ou em casa, a imagem daquele cristão como que planava sobre meus pensamentos. Passou algum tempo, não me recordo precisamente se duas ou três semanas, para que tomasse a decisão de voltar a procurá-lo.

“Bem, como fazer isso?”, eu me questionei. Procurá-lo através do quartel não poderia, chamaria demais atenção. O ítalo-cristão já não aparecia mais como cliente do senador Rufius, onde eu poderia procurá-lo. Passei a andar com mais frequência pelas ruas onde poderia encontrá-lo, dias e dias, mas não o via. Algumas vezes estive no local onde vi Paulo pela primeira vez, mas sempre o encontrei vazio. Poderia ter abordado algumas outras pessoas que sabia serem cristãs, mas não queria, poderiam interpretar que a minha intenção era prendê-las.

Certo dia em que me encontrava em casa, recebi uma surpresa, uma cesta de frutas com um recado em latim e o endereço de um local, apenas isso.¹

Apenas no dia seguinte poderia ir até lá; nesse dia estava com serviço premente do qual não poderia me ausentar. Passei horas ansiosas, queria vê-lo de novo. Por quê? Naquele momento, não saberia dar uma resposta precisa. A minha curiosidade sobre o cristianismo crescera após encontrá-lo, mas entender o que era essa religião dos judeus-cristãos, disse eu estava bem longe, aquela oratória de Paulo apenas me deixara mais confuso. Ao ouvi-lo dizer que “todos somos filhos de Deus e iguais perante Ele”, não compreendi nada – a questão, na verdade, não era só de compreensão, mas de aceitação; aos orgulhosos romanos a tese da igualdade de todos perante Deus era inaceitável.

No dia seguinte, pouco depois que escureceu e as apinhadas ruas romanas começaram a ficar desertas, coloquei-me a caminho. O local não era muito distante, uma casa simples, em menos de uma hora eu o alcancei.

Ao me aproximar do local, vi um pequeno movimento de pessoas perto da casa. Apesar disso, sentindo-me estimulado, prossegui. Andava lentamente, fui passando por elas o mais discretamente que conseguia, o que, percebi, não era suficiente para que deixasse de chamar a atenção.

Quando entrei na casa, encontrei outras três pessoas junto a Paulo, as quais imediatamente pararam de falar e me olharam. Parado, também fiquei a olhá-las, firme como em formação de batalha. Esse momento constran-

¹ Vale aqui recordar tanto o versículo 30 do capítulo 28 dos Atos dos apóstolos – “E Paulo ficou dois anos inteiros na sua própria habitação que alugara, e recebia todos quantos vinham vê-lo” –, quanto o capítulo 9 da segunda parte do livro de Emmanuel/Chico Xavier, *Paulo e Estevão* (27ª ed., 1994, FEB) – “Lucas alugou um aposento humilde na Vila Nomentana...”.

gedor não durou mais do que segundos, apesar da sensação de eternidade, até que Paulo veio ao meu encontro, deu-me as boas vindas e convidou-me a sentar com ele.

Quem era esse homem, como ele era?

Bem, ao contrário do que dizem muitos historiadores, Paulo era de uma compleição bela, tanto física quanto espiritualmente. A essa época ele ainda se encontrava relativamente forte, embora já muito tivesse sofrido. Tendo envelhecido muito nas faces, ainda possuía o brilho ardoroso dos olhos e a face, embora estivesse um pouco enrugada, estranhamente tinha certa beleza e graça da juventude. Seus cabelos eram grisalhos, puxando para o branco, sendo que a essa altura já tinha seu companheiro quase que inseparável, seu cajado, lembrando aquelas figuras patriarcais.

Convidou-me novamente a sentar com ele, falava com gentileza, mas também com autoridade. Eu o obedeci instintivamente, sem nem pensar, apenas senti. Dois dos que o ladeavam haviam se retirado, apenas um amigo ficou conosco, claramente um romano. Quando entrei conversavam em grego, mas Paulo me convidou em um latim carregado, que denunciava na dicção sua educação de base grego-hebraica:

– É com muita satisfação que recebo um centurião das legiões romanas em minha pequena morada. Faça desta também a sua casa.

Estranhamente, dei-me conta do perfume que havia no ar, o cheiro de jasmim tomava todo o ambiente à nossa volta. A casa pequena e simples apresentava-se convidativa, como que um recanto de paz.

À minha frente encontrava-se um homem que irradiava tanto beleza quanto sabedoria e fortaleza. Ao sentar-se bem perto de mim, passou a falar baixo e diretamente:

– Há muito sei da sua curiosidade sobre os cristãos, sobre Jesus e sobre mim.

Calou-se um pouco, olhou a minha reação, que não houve, e continuou:

– Vede, não sou grande coisa. Apenas um judeu e um cristão, velho e magro, levando a palavra de Jesus a todas as paragens que me recebem, a todos os que me ouvem.

– Quem são vocês?

Essas foram as minhas primeiras palavras dirigidas ao apóstolo dos gentios.

Sorriu, estendeu seu corpo à frente, alcançou as minhas mãos e reteve minha mão esquerda entre as suas:

– A curiosidade é uma benção de Deus, um caminho de aprendizado, mas não se atormente com isso, já trazes bastante dor da casa de que vem.

Confesso que me assustei um pouco. Como aquele homem falava de mim com tanta facilidade? Inclinei-me para trás, retirei minha mão.

– Não se assuste, centurião. De hoje em diante é nosso amigo, como todos, um filho de Deus.

Repentinamente, fiquei de pé, por breves segundos, e voltei a me sentar.

– Venha sempre, venha conversar sempre que quiser.

– O que vocês querem? Quem são vocês?

– Somos cristãos! O que queremos? Antes de tudo levar a palavra de Deus, que nos foi trazida por Jesus, a todos, a todos os homens.

– Quem é esse Jesus? É o que foi crucificado na Palestina? Há alguma intenção de vocês em derrubar ou atacar o governo de Roma?

Ele abriu um sorriso enorme, irradiava uma simpatia cativante que me desarmou:

– Não, meu filho, não. Nossas armas são apenas palavras e fé, fé em Deus. Como disse Jesus, o reino de Deus virá a todos, mas não pelas armas.

– E esse Jesus? O que ele queria? Não era um arrua-ceiro? Não tentou levantar os judeus da Palestina? Não foram os próprios judeus que o acusaram?

– Jesus, nosso Mestre, foi quem nos trouxe a palavra de Deus. Jamais pregou a guerra ou o uso da arma. Sim, muitos judeus, sentindo-se contrariados, acusaram-no e levaram-no à morte, porém, mesmo após a morte, dias depois ele reapareceu e permaneceu mais alguns dias entre nós.

– Como??! O que está a me dizer?

Sentiu que era muito pra mim nesse momento, acalmou-me apenas dizendo, com lágrimas nos olhos, que Jesus era a nossa estrela-guia:

– Ele foi aquele que nos mostrou o caminho, cabe a nós segui-lo.

Deixou-me a olhá-lo, perplexo, e dirigiu-se a pequena mesa ao canto. Logo me convidava a dividir um simples repasto de pão e vinho com ele.

– Façamos como o Mestre, que dividia o pão com os seus. Convido-o agora, como amigo, a dividir este pão e este vinho comigo. Gostaria de sentar a mesa com este pobre velho cristão?

Assim o fiz. Acabei por relaxar um pouco com um vinho adocicado, que me foi servido várias vezes. Eu o ouvi contar um pouco da sua vida, de suas viagens à Grécia. Perguntou-me se eu conhecia o Oriente, onde estivera e, assim, passamos mais do que hora e meia, ao final da qual me retirei antes que a escuridão protetora da noite se retirasse. Prometi voltar em poucos dias. Senti que, naquele momento, surgia entre nós uma cumplicidade

amiga. Ele relaxou e até conseguiu que eu também relaxasse – jamais se comportou comigo como quem estava a pregar, sempre fomos dois a conversar, dialogar.

*

Passei três dias no quartel a pensar no homem que conhecera. A seguir, fui obrigado a viajar, só voltei à minha casa depois de oito dias da visita a Paulo.

Logo que cheguei em casa, fui surpreendido por uma visita de Caius, meu amigo, a quem não via há quase duas semanas, já que ele também estivera fora. Ainda mais, em decorrência das frementes atividades militares e sociais em quem éramos obrigados a estar, nos últimos dois meses só havíamos nos visto rapidamente. Um forte abraço reiterou nossa amizade e nosso reencontro.

– Por onde andava? O que me conta?

Falamos os dois quase ao mesmo tempo e fizemos a mesma pergunta. Caius estava em Ravena, viajara para lá com alguns senadores. Contei-lhe também onde estive, como estava o ambiente no quartel, por fim lhe disse que estava de folga e podia gozar um pouco da tranquilidade do lar, algo que nunca tive antes.

– Não sente falta de Claudia, não é? Bem, nunca a quis mesmo!

– Não, não sinto. Talvez sentisse falta da companhia que aquece, daquela que nos é cúmplice, não daquela que nos disputa espaço e mando a todo o tempo.

– E quanto à escrava, Cíntia, como é mesmo o nome?

– Bem, Cíntia era mesmo muito bonita, cheguei a depositar-me nela com afeto, confesso. De outro lado, porém, senti-me traído, o que ainda foi mais terrível, justamente pelo afeto que ela conseguira cativar.

– Ser traído por uma escrava não é algo muito agradável.

– No momento em que seus afetos me entrelaçavam o corpo, não a via como escrava, eu só voltei a vê-la dessa forma quando a violência da vingança me guiou os passos.

– Ainda foste benéfico ao vendê-la. Acredito que eu a teria açoitado.

– Nem tanto, ao vendê-la a descrevi ao comprador como escrava de cama, depois soube que foi obrigada a se deitar constantemente com os convidados dele. Enlouquecida, mais tarde, procurou matar-me.

– Ainda a teria açoitado e, se não a matasse, eu mesmo a teria enviado às minas ou como acompanhante dos soldados acampados.

– Quanto a Claudia, soube dela? – continuou Caius.

– Não, e que os deuses me perdoem, nem quero.

– Que seja, Antonio! Roma está cheia de belas mulheres do mundo todo, da Gália à África, do Oriente à Trácia, há mulheres de todo tipo. Se assim o quiser, poderá casar novamente muito bem e ainda levar belo dote.

– Não, Caius, não está em meus planos.

– Anda meio estranho, meio que afastado de todos, parece que se volta apenas a estas paredes. Ou escondes algo de mim, ou estás a se afastar do mundo. O que me diz?

– Não, Caius, não. Por agora, procuro a paz para reinar em meus pensamentos.

– Às vezes, parece mesmo que é filho de Flavio, não de seu pai. Parece que quer ser mais estoico do que já é. Não vejo necessidade disso. O que conquistamos também podemos usufruir.

– Que o homem só tenha o que pode carregar!

– Conheço, Antonio, conheço esse dito dos filósofos, porém, ainda pode carregar muito, teus braços são fortes, derrames mais vinho em sua goela e alegre-se, carregue mais da fibra de nossas legiões em sua armadura.

– Que seja.

Caius era e é um grande amigo. Por mais que, nestes séculos, algumas vezes tenhamos nos separado um pouco mais, o sentimento forte e verdadeiro nunca se afasta. Retomei o seu convívio e com ele fui durante vários dias seguidos a muitas tabernas, ao circo, ao vinho e a mais vinho. Resisti com dificuldade a que me presenteasse com algumas mulheres a venda, chegadas da Gália. Acompanhou-me o quanto pôde, queria porque queria me ver alegre, ser meu irmão, isso era seu espírito; além de ser romano, um romano socialmente característico dos anos 60 do século I.

*

Quando Caius voltou para sua rotina militar e se distanciou um pouco mais de mim, sozinho, voltei a me lembrar do cristão, de Paulo.

Com o passar desse primeiro semestre de 62 e o suceder do encontro com vários cristãos, fui conhecendo um pouco mais sobre o cristianismo, sobre Jesus, Paulo, a história da visão a caminho de Damasco e também soube mais das disputas com os judeus, das perseguições e sobre outros discípulos de Jesus.

Estranhamente, por mais sozinho que estivesse nessa época, só encontrava Caius de vez em quando, nunca me sentira tão reconfortado. Do quartel ou das tarefas militares dirigia-me a minha casa ou à casa de Paulo, só com muita insistência de conhecidos os acompanhava a

alguma taverna ou festa. Foi aos poucos que comecei a sentir esse conforto, parece que foi o tempo necessário para superar o que houve com Claudia e Cintia.

Recordo-me das primeiras vezes em que cheguei à casa de Paulo. Ao chegar, esse homem irradiante, que bradava sua voz cristã pelo mundo com a força com que segurava seu cajado, levantava-se humildemente para receber-me e ainda me chamava de amigo. Minha mente contorcia-se em um turbilhão, meus pensamentos berravam: “Cristãos, quem são vocês? O que é isso? Por que agem assim?”. Essa solidariedade toda me consternava.

Como sempre, convidava-me a sentar e a comer com ele. Paulo perguntou-me:

– E você, Antonio, como vai?

– Bem, quero dizer, melhor.

Com a miríade de problemas a enfrentar e a multidão de pessoas que o procurava, ao me encontrar queria saber de mim. Aquilo me tocava fundo nos sentimentos.

– Vejo-o melhor. Seus olhos já sorriem.

Falava e ele próprio me servia um pedaço de pão e um pouco de vinho.

– O mundo o incomoda, não é mesmo, Antonio?

Surpresa seria pouco para dizer, sobre o que senti ao perceber aquele homem que me vira algumas vezes, em poucas palavras, descobrir a angústia que transpassava meus pensamentos desde criança.

– A crueldade, a mesquinhez dos homens no cotidiano de seus dias, a vulgaridade, tudo isso – eu gesticulava, simbolizando o mundo ao redor –, tudo isso incomoda, quase que me enjoa – disse, acabando a frase em tom de desprezo.

– Meu amigo – ele interveio, parou o que fazia e falou a olhar-me nos olhos –, ainda não é bem isso o que o in-

comoda, não é? Não está sempre a perguntar, mesmo que no limite entre o consciente e o inconsciente, o que é o mundo, pra que serve tudo isso?! – acabou de falar repetindo o meu gesto de apontar o mundo ao redor.

Abaixei a cabeça, não respondi. Ele respeitou a minha atitude e silenciou. Virou-se para os companheiros que lá estavam e comentou, certa mulher grávida e doente precisava de ajuda. Como que desperto de meu sono em busca de mim, por impulso advindo não sabia nem de onde, procurei algumas moedas que trazia comigo e as ofertei.

– Se puder ajudar.

Sorriu para mim novamente. Sentados lado a lado, segurou-me os braços em um quase abraço, dizendo:

– Há algo crescendo em você, Antonio.

Após uma pausa em que apenas manteve-se quieto enquanto me segurava os braços e me olhava, comentou das moedas:

– Agradeço-lhe, não tanto pelas moedas de que precisamos, mas pela atitude de amigo. As moedas, criadas por César, como bem disse o Cristo, dirigem-se ao povo que é de Deus, mas que também é de César. Se elas existem no mundo as utilizemos, com a providência que isso pede.

Naquele dia, saí de lá com uma leveza que jamais sentira; utilizando-me de termos da atualidade, diria “pisando nas nuvens”.

No decorrer dos meses de 62, nossa amizade se consolidou. Passei a visitá-lo com regularidade. Naquela altura da vida, sem esposa e filhos, depois de anos na legião, eu era um homem quase rico, recebia recursos largos e gastava pouco. Em virtude de meus hábitos espartanos, meus prazeres eram baratos, ainda a isso se somava uma quantidade regular de presentes que, pela minha posição

político-militar, eu recebia. O que fazer com essa enorme quantidade de moedas que Marco, meu intendente, gerenciava e acumulava em meu nome? O que fazer com isso, com os fardos de trigo que tinha ao meu alcance sempre, muito mais do que poderia precisar e gastar? Bem, comecei a levá-los a Paulo e aos cristãos. Inicialmente não entenderam nada, mas logo se acostumaram com essas minhas atitudes, esses presentes, digamos assim, que eu lhes levava.

De minha parte, ficava contente quando sorriam pra mim, quando mulheres e crianças me cercavam, mas, sinceramente, isso não me sensibilizava. Ainda procurava entender o que era esse cristianismo e por que essas pessoas comportavam-se dessa forma.

No aspecto prático, em virtude da pobreza em que viviam os milhares de pobres que afluíam a Roma, certa atitude solidária por parte dos cristãos acabou por lhes atrair a simpatia de muitos. Nas confrarias, participavam muitos romanos cristãos e que foram importantes nessas ações solidárias.

Um grande número de *collegia* (confrarias) foi organizado exclusivamente para a finalidade de garantir ao membro uma sepultura decente. Eram conhecidos como *collegia teuinorum* – clubes de enterro ou cooperativas funerárias. Essas confrarias (ou colégios de ofícios) tiveram um papel muito importante nas nascentes comunidades cristãs. Contribuíram tanto para seu sustento que ampliaram o sistema de ajuda mútua, que foi tanto sua marca quanto sua força e impulso de crescimento nas décadas e séculos seguintes. Se muitas foram fechadas, outras surgiram, destacando-se as de caráter funerário, que possuíam algumas regalias legais. A prática da ajuda mútua que havia nessas confrarias romanas foi a base para o crescimento do cristianismo no

império, somada à experiência que alguns judeus trouxeram da Casa do Caminho.²

Treinado e experiente pela minha vivência na organizada Legião Romana, passei a opinar em muitas situações pelas quais passavam. Ajudei-os com palpites e consegui-lhes muitos recursos. Muitas dessas confrarias de ajuda mútua sobreviveram dessa forma por séculos.

*

Em meio a isso, Paulo me estimulava. Constantemente muito ocupado, por várias vezes em que fui até ele vi que, por mais que quisesse, não poderia me atender, tal o volume de afazeres a que se prestava. Apesar de ser conhecido como o grande pregador da palavra cristã, Paulo também era um trabalhador e um professor, além de ser também uma pessoa profundamente agregadora. Sua energia e sua alegria faziam com que todos se sentissem bem; mesmo nas mais tristes situações, ele era o primeiro a procurar levantar o ânimo de todos.

Como professor, ensinava o que aprendera como artesão e o que mais fosse que sua atribulada vida lhe tivesse ensinado. Suas mãos hábeis ensinaram a muitos o manuseio do tear; grupos de homens e mulheres aprenderam um ofício a lhes sustentarem tendo como professor o mestre da palavra.

² Entre os romanos, as associações colegiadas – *collegia* – (ou confrarias ou colégios de ofícios) eram muito antigas. Os *collegia* eram comandados por líderes eleitos pelos associados. A principal função dessas associações era oferecer ajuda mútua (por exemplo, dando sepultura aos associados falecidos), promover a sociabilidade em banquetes e festas e reunir seus membros para o culto comum de uma divindade protetora. Cada clube deste tipo reunia-se em um salão e realizava reuniões periódicas, ocasiões em que poemas eram lidos sobre o falecido ou realizava-se uma festa para comemorar algum aniversário. As primeiras igrejas cristãs foram organizadas dessa forma, como “clubes” ou “cooperativas”, herdando a prática da “ajuda mútua”.

Eu passei a lhes ajudar com o que podia, inúmeras vezes vi a cara estranha de Marco quando lhe ordenava que separasse mais e mais moedas ou que comprasse fardos de tecidos ou de trigo e os entregasse em determinado endereço.

De outro lado, encontrei amigos onde jamais imaginei, dezenas de vezes comi entre eles, jovialmente e de forma comunal. Vários homens que se aproximavam, vindos dos pontos mais distantes do império, surpreendiam-se com a minha presença, perguntavam-me se eu era cristão, ao que, com muito esforço e relutantemente, respondia ser um simpatizante, ou melhor, em geral respondia ser um estudioso do cristianismo. Dessa forma, de maneira tangencial, fui me inserindo e convivendo com a nascente comunidade que Paulo e os seus formaram em Roma.

Em meio a tudo isso, certo dia, Caius questionou-me. Onde eu andava que quase não me via mais? Por várias vezes estivera em minha casa sem me encontrar.

– Anda estranho, Antonio! O que está a acontecer contigo? Nossos amigos, eu andei falando com Marcelo, Marco e outros, todos eles me disseram que quase não o veem mais nos jantares a que são convidados. Já pararam de convidá-lo para beber com eles, pois raramente aceita. Se não está em casa, não vai aos jantares e às festas, não frequenta mais as tabernas, onde anda? Voltou a frequentar a *villa* de seu pai? Sei que sempre amou essa vila e, desde que sua mãe morreu, não esteve mais lá. O que esconde, Antonio?

Sorri, deixei-o falar livremente, não o via há alguns dias, naquele ano nem chegáramos a conversar mais intimamente; estava tranquilo e alegre de recebê-lo em casa. Naquele momento, discutir com ele era a última coisa que queria.

– Tome, Caius, este vinho acaba de chegar. Disseram-me ser da Sardenha.

– Meu amigo, o que me esconde? – continuou a me questionar.

– As tropas que vêm da Bretanha chegarão à cidade quando? Às vezes penso que gostaria de voltar às batalhas, de minha parte considero desnecessário tal campanha distante em uma ilha perdida, a ceifar vidas por uma terra que nada nos dá – continuava a tergiversar, sem responder-lhe diretamente.

– Não acredito em você, não ouço tuas palavras, desconheço o homem que diz tais coisas. Ora – levantou, impetuoso – veja, de cem anos para cá, das primeiras campanhas de Cesar na Gália até hoje, veja o que conquistamos. Nossos exércitos, nossas batalhas, a guerra nos deu o que temos hoje. Nosso Império vem da nossa força.

– Sei das nossas riquezas, Caius. Sabe que já guerreamos lado a lado muitas vezes, já matei por Roma mais do que muita centúria de soldados, mas é importante saber porque lutar, quando lutar, qual guerra nos trará riquezas e qual guerra só nos trará glórias vãs e mortes. Guerrear, a guerra pela guerra é uma insensatez! Desperdiça vidas e retira homens dos campos. A guerra é campo fértil na produção de viúvas, muitas deixadas sem condição de sustento. Tudo isso deve ser pensado em cada erguer de armas.

Esquecera-me da minha intenção primeira e já discutia abertamente com ele. Caius assustou-se, jamais falara de tal forma com meu amigo.

– Somos soldados, Antonio, somos guerreiros, vivemos de guerra, não somos filósofos gregos e nem cristãos a morrer de joelhos e a chamar por um Deus que não os escuta. Nosso dever é pelo império, pelas nossas armas.

– Sei disso melhor do que você, esqueceu quem lhe trouxe para a Legião e para a Guarda Pretoriana, quem lhe deu essa posição?

Ao cobrar favores feitos, de uma forma que eu mesmo me surpreendi, já que tudo que fizera fora pela amizade que tinha para com ele, desmontei-lhe a face, provoquei-lhe a dor que só as palavras duras de um amigo assim o fazem.

– Se é assim que me cobra, Antonio, “meu amigo”, sinto em nossa amizade uma marca de obrigação. Por quem me toma, Antonio? Jamais esqueceria o que me fez, mas estou, sim, a estranhar-lhe.

Entristecido pelas palavras amargas que eu lhe atirara sem pensar, falou baixo e preparou-se para sair. Impedi, barrei-lhe a passagem:

– Tu estás em mim, Caius, é meu amigo, desculpe as palavras insensatas que lhe atirei. É meu irmão, como meus irmãos não foram. Desculpe-me.

Ele abraçou-me, mas, mudo, acabou por sair.

Voltamos a nos encontrar com tempo mais duas ou três vezes nas semanas seguintes. Para alegrá-lo, convidei-o a ir às tabernas comigo de forma a confirmar a amizade que sentia para com ele. Fiz questão de entornar canecas e canecas de vinho, apenas a brincar e a gracejar.

Faltava pouco para o final do ano de 62 quando nos encontramos com certa folga. Inesperadamente, ele veio ao meu encontro no Quartel dos Pretorianos, convidou-me a uma conversa em canto próximo, embora mais afastado do burburinho dos soldados.

– Línguas dizem, palavras correm, ao meu ouvido chegou que está andando com os cristãos. Antonio, o que há de verdade nisso? Lembrei-me, ao ouvir essas histórias, de algumas perguntas que me fez sobre esses loucos e

preocupei-me. Terá sido meu amigo enfeitiçado por esses loucos? Diga-me, Antonio, o que há nisso tudo?

– Não estou louco, Caius, nem sou cristão. Conheci alguns, de quando a quando vou à casa de uns e outros. Ajudam a pobres que morrem de fome, conversam.

– Está doente, deve ser isso que explica teus comportamentos, continuo a acreditar que o enfeitiçaram.

– Não. Você sempre soube o quanto me interessei pelas filosofias diferentes, sempre gostei de entender e procurar muitos porquês, eu me interessei por estudar seus profetas, apenas isso. Considero-me um estudioso da filosofia desses cristãos. Não alardeie mais do que não há.

– Continuo a estranhar-lhe.

Repetiu o que fizera em minha casa, retirou-se da conversa; o seu orgulho romano rejeitava os primeiros cristãos, principalmente por causa da origem social deles, porém em Caius também havia certo ciúme da minha amizade.

*

Ao contar essa conversa a Paulo, ele só me pediu compreensão:

– Compreenda! Muitos não nos compreendem, muitos poderão vir a ignorá-lo. Ele é seu amigo, mas tem o tempo dele. Aceite-o! A amizade de vocês ainda perdurará por muito tempo, mesmo que de outras formas. Há o tempo de ceifar, mas para cada cultivo há um tempo diferente para colher.

Essa conversa nós tivemos em uma tarde de outono, o sol baixava e uma multidão de pessoas caminhava e falava, levantavam um burburinho gigantesco multiplicado pelo eco que as paredes das casas que ladeavam as ruas

estreitas provocavam. Encontráramos em um bairro mais central, onde ficara de levar algumas moedas a suprir certas necessidades repentinas.

– Veja-os – ele mostrava-me a corrente humana em seu ritmo –, cada qual é um. Seja você mesmo, seja quem é, mas não deixe de amar e de compreender aos que lhe negam. Não deixe de estender a amizade para que não deixem de ser seus amigos.

*

É claro que, quando encontrava Caius, ele cumprimentava-me, solícito, porém sentia-o distante, quase azedo. Isso não poderia ficar dessa forma; também genioso, voltei a procurá-lo pronto a, de alguma forma, tentar explicar-me. Foi em vão. Sugeri várias vezes que fossemos beber juntos em alguma noite, o frio já incomodava a todos por aquela época:

– Algumas boas canecas de vinho, tâmaras, perfeito para este frio que nos congela.

Azedo, respondeu-me a negar:

– Não lhe peço suas súplicas, não desejo suas migalhas de tempo, não peço que dividas o tempo de seus amigos cristãos com romanos. Vá ter com eles.

Falava e se retirava, costumeiramente. Segurei-lhe pelo braço, fortemente, forcei-o a falar comigo:

– Não é necessário que corra atrás de mim, é meu amigo, sim, mas direciona suas forças e seu interesse a outros, esqueceu os seus. Siga como quer!

Bruscamente rompeu o laço que nos segurava e partiu.

Fiquei triste, perdido como em uma encruzilhada. Passei algum tempo sem aparecer junto a Paulo, estive a beber sozinho em casa. Os cristãos exerciam uma atração

forte sobre mim, algo estranho que não sabia explicar – sua filosofia, seu agir, porém ainda estava muito longe de compreender. Meu mundo era Caius, era Roma, era a Legião que crescera amando.

Minha mente inquieta, entretanto, não sossegava. Nos minutos em que me acalmava, pegava-me a lembrar de Paulo e dos seus. Meus músculos e minha espada não se esqueciam de minha tropa e de meus soldados, muitos, eu sabia, capazes de dar a vida por mim. De outra feita, aqueles cristãos capazes de dar a vida por um Deus que não compreendia também me atraíam. Esse enigma da alma em transformação ainda me acompanhou por algum tempo.

*

Os dias de inverno congelavam os ossos da população pobre de Roma no começo do ano de 63. Como a lembrar de minha mãe e arrebatado por alguma nostalgia da infância, passara alguns dias na *villa*, conversara com meu pai, vira meus irmãos já mais crescidos, um deles ingressara no exército, servia ao norte de Roma.

Meu pai envelhecera muito no ano que passou sozinho após a morte de minha mãe. Já passara quase um ano e meio desde que ela morrera, ele sentira o impacto da perda. Apesar dele exercer seu mando senhoril dentro de casa, o carinho que minha mãe lhe devotava era seu caxado de vida. Os filhos cresciam e distanciavam-se, muitos amigos mortos, a idade a dificultar-lhe os movimentos, era outro o homem que encontrei. Estranhei ainda mais porque nem esboçou qualquer questionamento sobre a minha separação de Claudia. Prometi-lhe que voltaria mais vezes, com mais frequência, apesar da dificuldade de entabular com ele conversas mais longas – precisava,

para tanto, focar em assuntos como da produção da vila, do comércio de grãos e outros temas de uma materialidade que naquele momento me fugiam.

Ao conversar sobre meu pai com Claudia, ele apenas me dissera:

– A vida segue seu curso – terminava a frase com as mãos em meus ombros, quase paternalmente.

Afastava-me da minha família, meu pai e irmãos; de Caius, a quem adotara como irmão; entretanto, rodeava-me, de outra família.

*

Estava a dormir em casa quando, repentinamente, fui acordado pelos meus serviçais. Notícia urgente vinda do quartel, dois legionários estavam na porta de casa à minha espera. Quanto maior o inesperado, maior o choque da surpresa.

Um acidente repentino, um cavalo que se assustara. Arrastado, Caius não resistiu aos sofrimentos e morreria no dia anterior, perto de Roma.

Quem muito lida com a morte, só a sente quando ela toca na sua mais profunda intimidade. Ao ouvir a notícia, baqueado, sentei, escondi a cabeça nas mãos abertas e permaneci por longos minutos sem reação. Só sentia a presença dos que, respeitosos, observavam-me.

Nos dias seguintes, as obrigações sociais e a amizade que lhe devotava me levaram a proporcionar-lhe o melhor enterro que pude organizar em termos de pompa e ostentação. Todos os preceitos da tradição romana foram observados. Foi só com o passar dos dias que a dor foi cavando um buraco em meu coração. Fechei-me para o mundo mais ainda.



Antonio, centurião romano, em meio a dúvidas e incertezas sobre sua vida, conhece Paulo de Tarso, em Roma, e um mundo novo se descortina para ele.

Tornando-se amigo do Apóstolo dos Gentios, Antonio mergulha nas águas do cristianismo nascente e se vê frente a um grande desafio: ser ou não ser cristão. Terá condição de rever os próprios valores e viver a simplicidade como ensinada por Jesus e exemplificada por Paulo?

O que mudará em sua vida, depois que conhecer a jovem cristã Cibeles? Conseguirá, um dia, tornar-se cristão?

Conheça a história de Antonio e os efeitos de sua amizade com Paulo de Tarso e Cibeles neste belo romance, ambientado em Roma e na região do Lácio, Itália.

ISBN 978-65-5542-002-9



9 786555 420029